



## **Gênero e raça: caminhos para práticas significativas no ensino fundamental II**

**Letícia Xavier de Jesus**

**Universidade do Estado da Bahia**

[lettyxavier2012@hotmail.com](mailto:lettyxavier2012@hotmail.com)

**TRABALHOS COMPLETOS – GT 02 – Etnia, Gênero e Diversidade Sexual**

### **Resumo**

O trabalho teve como objetivo investigar as contribuições das pesquisas realizadas no Ensino Fundamental II, a fim de compreender as estratégias educativas no combate ao preconceito de gênero e raça, visando promover um ambiente escolar mais inclusivo e igualitário. Para tanto, tomamos como base as pesquisas de: Santos (2009) e Santos (2022). A metodologia da pesquisa foi de base qualitativa, o método de investigação científica adotado foi a revisão sistemática, a partir dos descritores "gênero", "raça" e "ensino fundamental". Os resultados alcançados formam uma síntese da precariedade e do desafio em se trabalhar gênero e raça com ênfase especificamente no ensino fundamental II. O acervo com referência às pesquisas relacionadas a gênero e raça de forma livre é amplo, mas quando delimitamos a pesquisa para o Ensino Fundamental II é escasso, o que já enfatiza a relevância de estudos na área. Outro resultado apontado nas pesquisas diz respeito à formação profissional como um dos fatores desafiadores para o ensino de gênero e raça nas escolas de educação básica.<sup>1</sup>

**Palavras-chave:** Gênero; Raça; Ensino Fundamental II.

**Submetido em:** XX/XX/2024 | **Aceito em:** XX/XX/2024 (não preencher)

### **1 Introdução: problemática da pesquisa**

O artigo que ora se apresenta visa tratar das questões de Gênero e Raça no contexto do Ensino Fundamental II anos Finais. Realizou-se um estudo de revisão sistemática, cujo objetivo central foi compreender os (des) encontros na consolidação das discussões de Gênero e Raça promovidos na escola, no Ensino Fundamental II, a fim de problematizar a falta de trabalhos pedagógicos voltados

<sup>1</sup>Graduada em História Licenciatura plena pela Universidade do Estado da Bahia- UNEB- Campus V.

<sup>2</sup>Graduada em Letras Língua Portuguesa e Literaturas pela Universidade do Estado da Bahia- UNEB Campus V

<sup>3</sup>Graduada em Letras, Língua Portuguesa e Literaturas pela Universidade do Estado da Bahia - UNEB, campus V.



para esse público. O intuito é potencializar e agregar conhecimentos, por meio desta pesquisa, para ampliação de debates relacionados a Gênero e Raça, no Ensino Fundamental II da educação básica.

O objetivo deste trabalho é analisar as contribuições das pesquisas que foram realizadas com o segmento do Ensino Fundamental II, da educação básica, para compreender as contribuições das principais estratégias educativas no combate ao preconceito de gênero e raça, visando promover um ambiente escolar mais inclusivo e igualitário.

Objetivamos ainda, avaliar de que forma estas estratégias podem contribuir para a formação integral do/da estudante, de modo que possam subsidiar o combate ao preconceito de raça e gênero através das práticas pedagógicas implementadas no Ensino Fundamental II. Com isso, combater o preconceito de gênero e raça, identificando as metodologias mais utilizadas e os resultados obtidos em termos de conscientização e mudança de atitudes entre os alunos. Bem como, identificar e analisar as estratégias pedagógicas desenvolvidas no Ensino Fundamental II que têm se mostrado eficazes na promoção da igualdade de gênero e raça, com foco na redução de atitudes preconceituosas entre os alunos.

Deste modo, a problemática suscitada a partir da temática escolhida, busca responder como trabalhar Raça e Gênero desenvolvendo práticas pedagógicas significativas no espaço escolar. Depreende-se por inferência que a formação profissional continuada é parte essencial desse caminho, juntamente com práticas constantes de leituras, debates, exposições e produções promovidas com os adolescentes em diversos espaços sociais, apresentando autoras negras, cultura, arte, música etc.

As discussões sobre Gênero e Raça na escola sempre dividiram opiniões, o fato é que elas são extremamente necessárias, isso porque possibilitam debates, desmistificação de preconceitos e quebra de paradigmas. No entanto, essa prática ainda não está sendo consolidada como deveria, pois, ainda existe uma insuficiência na abordagem desses temas, algo que já deveria ter sido superado,



considerando os vinte e um anos da lei 10.639/2003, que torna obrigatório o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira nas escolas. Assim sendo, somente com a sistematização e análise dos dados coletados a partir das vivências em sala de aula e ambientes pedagógicos é que vamos fortalecer as práticas preconizadas pela lei.

Acredita-se que o contato constante com atividades pedagógicas antirracistas e de gênero contribui para formação social dos sujeitos, bem como para o fortalecimento de sua identidade, nesse processo, buscar a desconstrução do racismo, machismo e sexismo é igualmente necessário.

Sendo assim, esta pesquisa justifica-se teórica fundamentada em campos de pesquisas práticas a partir do momento em que se busca agregar conhecimentos de Gênero e Raça, visando a desconstrução de estereótipos e a promoção da diversidade racial e de gênero em espaços sociais. Bem como, está relacionado a prática pedagógica, no Ensino Fundamental II, a qual oportuniza perceber a necessidade de uma Educação Antirracista e Feminista para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária, superando o racismo, machismo e o sexismo que ainda permeiam o ambiente escolar e a nossa sociedade.

A escola é um espaço de combate ao racismo, ao sexismo, promotora da diversidade racial e de gênero. Contudo, ainda é um espaço que apresenta resistência em discutir essas questões, mesmo sendo necessárias, a fim de possibilitar as diversas formas de inclusão. Bem como promover o respeito, melhorando a qualidade educacional.

## 2 Revisão de autores/obras

Como procedimentos metodológicos optamos por realizar uma pesquisa qualitativa que se concentra na compreensão das experiências, perspectivas e comportamentos dos indivíduos em seu ambiente natural. Selecionando como descritores os termos: educação básica, ensino fundamental II, gênero e raça, constituindo assim o estado de arte. No período de 08 a 12 de julho do ano em curso. Realizamos revisões bibliográficas, usando como suporte o repositório



institucional Saber Aberto, da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Bem como, revistas científicas encontradas no google acadêmico.

As pesquisas selecionadas compreenderam o período de 2014 a 2024, com uma única exceção da pesquisa intitulada **“Representações de Gênero e Raça no Ensino Fundamental: A construção da identidade do ser “Menina Negra do ser “Menino Negro”** de Marluse Arapiraca dos Santos, datada no ano de 2009.

O trabalho supracitado nos apresenta dados de extrema relevância para a fundamentação da pesquisa a nível de educação básica. Adotamos tal pesquisa em vistas da escassez de trabalhos que se aproximassem do nosso foco.

Verificamos e categorizamos as pesquisas, as quais foram selecionadas com base na nossa temática de pesquisa. Neste sentido, utilizamos os seguintes descritores: Gênero, raça, educação básica e Ensino Fundamental II. Feito isso, o segundo passo foi organizar e selecionar as pesquisas encontradas, buscando num critério de exclusão, se distanciar das pesquisas que menos agregaram ao trabalho. Nessa perspectiva, selecionamos seis trabalhos, sendo: três dissertações de mestrado e três artigos.

Percebeu-se, através de pesquisas, que de 2009 a 2024, surgiram diversos trabalhos voltados para as questões de gênero e raça, o que promoveu grandes avanços no cenário educacional brasileiro. Pesquisadores começaram a pensar no papel da escola diante das opressões sociais existentes. As leis 10.639/2003, e 11.645/2008 foram essenciais nesse processo. Pois, ressaltam a importância do ensino decolonial, do resgate identitário, cultural, afro-brasileiro e indígena, promovendo a valorização da diversidade étnico-racial.

Entretanto, mesmo sendo lei, ainda existem profissionais da educação básica que negligenciam as questões de gênero e raça em suas práticas pedagógicas. Apesar disso, observamos que mudanças significativas na abordagem desses temas podem ocorrer com o acesso a cursos de pós-graduação, mestrado, e outros, ofertado pelas universidades públicas. Por meio destes educadores comprometidos com a luta pelo respeito à diversidade contribuirão para práticas antirracistas e feministas que auxiliam na transformação



do contexto escolar e na superação das desigualdades sociais, raciais e de gênero.

O acervo acadêmico, no que tange às pesquisas voltadas a gênero e raça, é amplo e diversificado. Podemos perceber um crescente significativa do ano de 2014 a 2024. No decorrer destes dez anos, a temática vem sendo explorada das mais variadas áreas de conhecimento possíveis. Estando presente não só na educação, mas em áreas como esporte, saúde, social, cultural e outros.

Entretanto, quando delimitamos as pesquisas e direcionamos ao Ensino Fundamental II, do 6º ao 9º ano, podemos perceber uma escassez de trabalhos voltados para este público. Algo que nos inquieta, visto que, se trata de um público sedento por informação, empoderamento e conhecimento no geral. É de suma importância que eduquemos este público para reivindicarem uma sociedade mais igualitária e que estejam preparados para enfrentar as inúmeras desigualdades, discriminações e violências, oriundas da falta de conhecimento, intolerâncias e preconceito.

Nesta perspectiva, a dissertação de mestrado intitulada **“Representações de Gênero e Raça no Ensino Fundamental: A construção da identidade do ser “Menina Negra do ser “Menino Negro”** de Marluse Arapiraca dos Santos (2009). Na qual, a autora optou por realizar um estudo sobre a construção das identidades de meninos e meninas com base nas suas representações de gênero e raça; com as séries iniciais do Ensino Fundamental I. A pesquisa foi realizada em uma escola municipal da cidade de Salvador na Bahia e efetuou um estudo nas variadas produções infantis, priorizando o ambiente educativo.

Com base nesta pesquisa prática, Santos encontrou uma deixa para analisar o cotidiano escolar e das representações de identidade relacionadas ao gênero e a raça no cotidiano destas crianças, analisando as identidades assumidas visivelmente e nas silenciadas pelos próprios entrevistados. As temáticas que nortearam o roteiro da entrevista vão do auto rejeição, discriminação no espaço escolar ao preconceito.

Em suma, o que mascarava essa consideração era o racismo patriarcal,



presente no cotidiano desses alunos. Racismo este que silenciava, excluía e inferiorizava o ser negro. Nesta perspectiva Santos (2009), finaliza essa discussão afirmando que: “o negro quando absorvia essas ideias, assumia uma posição de seu próprio algoz, pelo fato de não legitimar a expressão cultural, e defender os elementos da sua ancestralidade da religiosidade, da crença e outros”.

A dissertação de Santos, realizada no ano de (2022), denominada: **“O adolescer de meninas negras: percepções e experiências sobre as violências e discriminação de Raça e Gênero no espaço escolar”**. Teve como foco central entender a perspicácia das adolescentes do Ensino Fundamental, especificamente com uma turma do - 9º ano, situado em uma escola periférica da cidade de Salvador na Bahia, a respeito das suas experiências de violência e opressões a partir dos marcadores de gênero e raça.

Fundamentou-se também, pelos objetivos secundários de conhecer o contexto em que estas alunas estavam inseridas, enfatizando a visão social, cultural e econômica. Conhecendo as experiências de violência que estas estudantes eram submetidas na escola, compreender como as características sociais das desigualdades de raça e gênero permitem perceber as vulnerabilidades no percurso estudantil dessas adolescentes e entre outros.

No entanto, a pesquisa toma como foco de estudo, o olhar de meninas negras no contexto escolar. Onde elas próprias ganham visibilidade à medida que expressam como se sentem no ambiente escolar. De todas as pesquisas realizadas, apenas esta apresenta foco de abordagem para o Ensino Fundamental II, o que torna nossa pesquisa necessária para ampliação de conhecimentos de raça e gênero a esse público específico.

Neste sentido, o referido estudo se aproxima da nossa pesquisa por refletir sobre o papel da escola na promoção de práticas pedagógicas que combatam o racismo, o machismo e as questões relacionadas ao gênero no Ensino Fundamental II. Consideramos relevante o teor da pesquisa, pois essa prática nos revela um compromisso de agregar conhecimentos e ampliar discussões que são de extrema relevância para vida individual, política social e cultural desses sujeitos,



que se encontravam em processo de construção da identidade coletiva.

No entanto, o fato de ter encontrado apenas uma pesquisa direcionada a este público nos aponta para uma carência de estudos voltados a esta modalidade de ensino. Principalmente, se considerarmos o público que faz parte desta estatística. Em sua maioria, são alunos de regiões periféricas e de zona rural se trouxemos para nossa realidade de pesquisadoras. Nesse sentido, desejamos que a escola dê visibilidade a essas vozes, através de rodas de conversa e metodologias diversificadas, apresentando a eles uma escuta sensível, direitos, oportunidades, conhecimentos diaspóricos que na maioria das vezes lhe são negligenciados. Todavia, ainda faltam profissionais qualificados para essas discussões e apoio da equipe escolar para mobilizar ações como palestras, oficinas e debates acerca das questões de gênero e raça.

## Resultados e discussão

Diante dos resultados encontrados, mediante a revisão de autores e obras, percebemos o quanto as discussões envolvendo gênero e raça tem permeado os mais diversos âmbitos sociais. Isso se faz extremamente necessário, uma vez que a desconstrução dos estereótipos é dever de todos, ou seja, de toda sociedade e não apenas da escola.

Das pesquisas encontradas na área de educação, a qual constitui nosso recorte de pesquisa, observamos que os temas aqui discutidos, atravessam as diversas modalidades de ensino: fundamental I, ensino médio, educação de jovens e adultos. Entretanto, no nosso recorte de estudo, que é a modalidade de ensino fundamental II, encontramos um resultado restrito de pesquisa, apenas uma. Claro que levamos em consideração o recorte temporal delineado, que foi o mês de julho do ano em curso.

Experienciando nossa prática, como professoras do Ensino Fundamental II, percebemos o quanto esse público é sedento por se sentirem representados, por isso é necessário o protagonismo negro e feminino em diversos âmbitos da vida social. São histórias de superação que precisam ser apresentadas a esses alunos,



que em sua maioria, vivem em um contexto de exclusão social. O que contribui para a baixa estima, desempenho estudantil frágil, dentre outros aspectos que cotidianamente podemos inferir nas aulas, como pouca participação oral, medo de se expressarem na escrita, timidez e etc.

Essas temáticas já eram preconizadas pelos PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais, 1998) eram abordadas como temas transversais, levavam este nome pois:

*[...] os objetivos e conteúdo dos Temas Transversais devem ser incorporados nas áreas já existentes e no trabalho educativo da escola. É essa forma de organizar o trabalho didático que recebeu o nome de transversalidade. (PCNs, 1998, p.17)*

Mesmo sendo lei que fossem abordados em todas as disciplinas, em vias práticas não aconteciam neste formato. Infelizmente nos dias atuais, vivemos a mesma realidade mesmo sob a ótica de inúmeras leis educacionais, as atividades não acontecem como deveriam, temos enxurradas de murais e cartazes vazios em datas “comemorativas”. Usamos o termo “vazios”, pois não representam nada quando só utilizamos algo para simbolizar datas e não lutas.

Hoje, alterado pela LDB (Lei Diretrizes e Bases da Educação), que teve a sua última atualização em março de 2017, por meio da Lei nº 13.415. A transversalidade dos temas ainda acontece de forma limitada, vaga e vazia, pois, não conseguem trabalhar temáticas de suma importância para o cotidiano dos adolescentes, de forma que venham a contribuir para a sua formação social, identitária e racial ao longo da vida.

Assim, compreende-se que uma educação antirracista e feminista deve apresentar os sujeitos não pelo olhar da marginalização, mas a partir desse lugar para expor como intelectuais, valorizando epistemologias e saberes negros em nossa sociedade. Por essa razão, cabe ressaltar que o papel da escola não é apenas contar as mazelas e dizer que mulheres e negros foram tratados de forma desigual durante a história, e sim mostrar que descendem de reis e rainhas, e inspirar os jovens apontando os espaços que são capazes de alcançar.

Acredita-se que dessa forma, os estudantes passarão a enxergar o



potencial que carregam em si, conhecerão mais sobre suas origens, identidades e costumes. Com essa prática, é possível subverter a construção social de que negros descendem de escravos, e que ainda é disseminada na escola, para mostrar a verdadeira história de intelectuais, artistas e cientistas negras que precisam de visibilidade no cenário educacional e social.

## 4 Conclusão

O Ensino de gênero e raça é uma temática imprescindível na formação da identidade dos sujeitos, mas pelos resultados da revisão sistemática realizada, ainda é pouco contextualizado em sala de aula, no ensino fundamental II. Por mais que seja de extrema importância para a construção de uma sociedade mais igualitária, inferimos que ainda existe um certo receio na abordagem do tema. Uma análise feita nos textos utilizados nos faz chegar à conclusão de que as pesquisas relacionadas a gênero e raça de forma livre são amplas. Mas, quando delimitamos a pesquisa para o Ensino Fundamental II torna-se escasso.

É importante ressaltar que nos resultados dos estudos levantados, há pistas de que as discussões com referência a gênero e raça ocorrem de forma equivocada, apenas para preencher calendários escolares, mas não sensibilizam os indivíduos no que tange a relevância das temáticas trabalhadas e a influência positiva, na vida pessoal e social destes sujeitos. Sendo necessário mais formações voltadas para os profissionais de educação. Para que lhe proporcione maior segurança e domínio ao trabalhar estas temáticas. Um outro fator de grande relevância é que ainda há profissionais que se recusam a fazer formações, bem como levar algum tipo de contribuição para suas turmas, por não julgar pertinente.

No entanto, mesmo com poucos recursos e nenhum apoio, como educadores podemos por meio de oficinas, palestras, construções de materiais pedagógicos (folder, cartazes, peças teatrais), dentre outros, contribuir com a formação de jovens críticos e empoderados. Com vontade de continuar na luta por um mundo mais igualitário e justo, ou ao menos formar cidadãos conscientes.

Enquanto pesquisadoras, diante dos resultados encontrados, apresentamos propostas para o público do fundamental II. Sugerimos a promoção de “Diálogos



## XXI SEMANA DE EDUCAÇÃO DA PERTENÇA AFRO-BRASILEIRA

### Espiral da Pertença: Vinte anos de circularidade e debate das perspectivas étnicas e raciais no ODEERE

VII Colóquio Internacional de Educação das Relações Étnicas : VIII Encontro de Religiões de Matriz Africana  
VIII Fórum de Educação: Leis 10.639/03 e 11.645/08 Gênero, Diversidade sexual -  
V Congresso Internacional de Educação, Língua, Cultura e Território - CIELCULTT  
III Festival das Artes: Ancestralidades em movimento : I Jequié Zumba : Cantinho do Griô



raciais identitários e de gênero", através de estratégias diversificadas como a problematização de questões corriqueiras em nossa história.

## REFERÊNCIAS

SANTOS, Deise Cardoso. **O adolescer de meninas negras**: percepções e experiências sobre as violências e discriminação de Raça e Gênero no espaço escolar. Salvador, 2022.

SANTOS, Marluce Arapiraca dos. **Representações de gênero e raça no Ensino Fundamental: a construção da identidade do ser "menina negra" e do ser "menino negro"**. Salvador, 2009.

**Parâmetros curriculares nacionais**: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1998. 436 p.